

Palete PBR:

pela eficiência e contra o prejuízo

Criado há de 16 anos, o palete PBR propiciou à cadeia de abastecimento, entre outras vantagens, maior integração logística e expressiva redução de custos. Mas algumas práticas precisam ser aprimoradas para as falhas serem sanadas

Entre as inúmeras razões para a ocorrência de perdas financeiras com a operação logística de um supermercado figura a falta de controle da entrada e saída de paletes PBR nos centros de distribuição (CDs) e depósitos. Esses paletes reutilizáveis, com vida média estimada de cinco anos - e com casos confirmados de paletes em bom estado com 15 anos de fabricação -, desaparecem dos CDs e depósitos, subtraídos de forma ilegal e altamente prejudicial a toda cadeia de abastecimento, em especial aos supermercados, sobre os quais cai, em regra, o custo do furto.

"O palete PBR oferece muitas vantagens em relação aos concorrentes, como o uso de madeira certificada, criação de um padrão de medidas que facilita a operação logística - otimizando, inclusive, o uso da carroceria dos caminhões -, prevenção de acidentes de trabalho e, sobretudo, redução de custos, em virtude de ser um palete reutilizável", argumenta o gestor do Comitê Permanente de Paletização e gerente da Fundação Abras Marcos Manéa. "Os paletes PBR ainda apresentam uma resistência média de 1,4 mil quilos, uma capacidade considerável e mais um dos inúmeros diferenciais do produto", afirma o assessor técnico do Comitê Permanente de Paletização (CPP) e integrante da Cooperativa e Serviços de Pesquisas

Tecnológicas e Industriais (CPTI), órgão ligado ao IPT, Nilson Franco.

De acordo com Manéa, supondo que um palete seja utilizado uma vez por mês ao longo de cinco anos, ele fará 120 viagens no transcorrer de sua vida útil. Com custo unitário de R\$ 30, o PBR custaria por viagem R\$ 0,25, contra os R\$ 10 pagos por paletes descartáveis, também conhecidos como paletes one-way. "Geralmente os paletes descartáveis não suportam nem 40% do que suportam os PBR", diz o diretor de logística do Grupo Pão de Açúcar Marcelo Lopes.

O extravio desses paletes dos CDs e depósitos dos supermercados faz com que saiam do fluxo natural da cadeia de abastecimento, gerando custo logístico adicional que pode ser evitado com maior rigor em seu controle e fiscalização. "Quase sempre a subtração desses paletes é viabilizada por um conluio de pessoas envolvidas no processo logístico", informa Manéa. Quando os produtos chegam aos supermercados, é entregue um vale-paleta aos funcionários dos fornecedores. Dessa forma, o varejista se torna responsável pelo ativo e pela devolução à indústria. Caso o palete desapareça, o responsável pelo prejuízo é o supermercado. E é justamente o que acontece em muitos casos; o vale é entregue, mas o palete desaparece e não volta à indústria: vai



Com um custo unitário de R\$ 30, o PBR custaria por viagem R\$ 0,25, contra os R\$ 10 pagos por paletes descartáveis

parar no mercado informal de paletes. O problema é que, diante do desfalque e da cobrança, algumas empresas às vezes recorrem à compra de paletes usados, que nada mais são do que paletes furtados. Sem saber, compram exatamente os que lhes haviam sido subtraídos.

Embora o palete PBR tenha baixo valor agregado, ele é essencial para a operação logística. E é pela sua essencialidade que tem de ser considerado e tratado. "No Pão de Açúcar, temos um departamento de logística reversa responsável entre outras coisas pelo controle e pelo fluxo dos paletes. A devolução deles à indústria respeita uma agenda baseada na nossa disponibilidade e na necessidade dos fornecedores", informa Lopes. O executivo diz que não é fácil administrar o trânsito de paletes PBR, até porque o volume é imenso e o controle pleno é impossível - é preciso contar com a boa-fé dos profissionais. "Mas posso assegurar que os resultados têm sido excelentes e que os paletes não têm sido problema para a companhia", completa.

Além do desvio do palete e do comércio ilícito de PBR usados, a cadeia convive com outro problema sério: pirataria. "O palete usado comprado de terceiros e o pirata não têm garantias nem de conservação, da madeira, da resistência nem da durabilidade", informa o presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Paletes PBR, Marcelo Canozo. Por isso, a compra desses itens é altamente arriscada, podendo causar até acidentes de traba-

lho. "No caso dos paletes usados, o primeiro passo é não comprá-los, pois do contrário a empresa alimenta esse mercado. No caso dos piratas, o comprador não sabe que está comprando um PBR falso e o segredo é observar os carimbos. Mais importante do que ver o logo do PBR carimbado no palete é ver o carimbo do fabricante", comenta.

Vale dizer que o processo de seleção do fabricante do PBR é altamente rigoroso. A primeira fase consiste na apresentação de documentos e o aspirante a produtor do palete precisa mostrar mais de 20 documentos que assegurem sua idoneidade. Entre eles está o alvará de funcionamento do município e do órgão ambiental responsável, bem como um comprovante de que tem mais de dois anos de experiência como fabricante de palete. A segunda fase consiste em inspeção técnica realizada pela Abras e pelo IPT no parque fabril da empresa. E a terceira são os testes feitos no IPT com os paletes fabricados pela empresa aspirante à certificação. Passadas as três fases, ela é certificada.

O nome, o endereço, os contatos e o tempo de credenciamento dos fabricantes do palete PBR podem ser encontrados no endereço <http://www.abras.com.br/palete-pbr/credenciadas/>. Também no site da Abras, por meio do ícone "Palete-PBR" e do subícone "Apresentação", o interessado encontrará a lista das entidades que fazem parte do Comitê Permanente de Paletização (CPP) e um pouco da sua história.

hi